

Retirada das lojas começa pela beirada

Operação policial foi feita com cuidado para evitar um confronto ainda maior com os moradores e para virar show de tevê

Luís Cláudio Cicci
Da equipe do Correio

Para evitar queimaduras, o mingau quente que está num prato é comido pela beirada. A operação de ontem na Invasão da Estrutural acabou com três lojas de materiais de construção e três mercados, todos construídos na parte próxima à via Estrutural. Secretaria da Fazenda, Polícia Militar e Polícia Civil trabalharam em conjunto numa operação contra depósitos comerciais que funcionavam ilegalmente, mas restringiram sua ação.

"Aqui é uma área problemática e escolhemos esses objetivos porque são os que são possíveis de serem atingidos hoje", explicou a delegada Vera Lúcia da Silva, da Delegacia de Crimes Contra a Ordem Tributária. Apesar de revelar o cuidado com que a questão é tratada, a declaração da delegada indica que o trabalho vai continuar. Durante a remoção, na manhã de ontem, 12 policiais e 12 fiscais da fazenda tiveram a companhia oportuna de 630 homens da Polícia Militar para garantir a segurança.

Cada uma das seis lojas foi visitada por uma equipe formada por dois policiais civis e dois fiscais, sempre acompanhados pela escolta da PM. Depois de caracterizado o crime, comércio sem autorização da Secretaria de Fazenda, as mercadorias foram recolhidas e levadas para o Depósito Público de Bens, no Setor de Indústrias e Abastecimento (SIA).

Doze caminhões fizeram o transporte e cada um foi ao SIA pelo menos uma vez. Caso os donos queiram rea-

ver o que foi levado, há uma multa, que segundo a delegada Vera inviabiliza a recuperação das mercadorias. "É impagável", disse. Além das apreensões, as construções de alvenaria usadas só como depósito, e que não serviam de moradia, foram derrubadas.

GRAN FINALE

Como num show, quando o melhor do espetáculo fica para o fim, a ordem do trabalho foi programada. Só no início da tarde, depois que as equipes já tinham terminado sua missão e a imprensa estava concentrada na entrada da invasão, a pá carregadeira derrubou o barracão onde funcionava uma igreja e uma creche.

Num horário de grande audiência às TVs e ao rádio, os brasilienses puderam acompanhar, ao vivo, a queda do prédio onde, há menos de um mês, funcionava a loja de material de construção da presidente da Associação dos Moradores da Estrutural, Marlene Mendes. No terreno vizinho está a casa da líder da comunidade de invasores. Distante, ela própria não testemunhou o fim daquilo que um dia foi próspero.

Enquanto o barulho do motor à diesel fazia sumir a voz de Marlene, mesmo que reforçada por um alto falante, as paredes caíram. Entre os escombros, fios, ralos, canos e pregos despertavam a curiosidade dos que queriam saber como aquilo servia às crianças da creche e aos fiéis da igreja. A inauguração da Assembléia de Deus Norte-América do Brasil foi uma festa que durou quatro dias, no dia 23 de julho passado.

Glaucio Dettmar



Policiais socorrem mulher que desmaia durante a operação de remoção das casas comerciais na invasão da Estrutural, mostrando a tensão do confronto

O sofrimento de quem não pode sair

Vendo o sonho da casa própria esfacelar-se como em um filme de guerra entre bombas de gás e pedradas, a diarista Sônia Muniz afirma que foi enganada pelos políticos. Ela mora com o marido e três filhos pequenos num barraco improvisado dentro da invasão. Construiu no terreno, com a ajuda financeira da patroa, a metade de uma casa de cimento e tijolos. Investiu o que tinha e o que não tinha na construção da casa. Agora, sabe que corre o risco de perder tudo.

"Cadê o deputado José Edmar numa hora dessas?", pergunta atônita diante da ação dos policiais. "Foi ele que me garantiu que eu poderia construir isso tudo. Nas reuniões com os líderes dos moradores eles

sempre dizem que nós vamos ganhar o direito de permanecer aqui. A Marlene (vice-presidente da associação dos moradores da Estrutural) vive dizendo que a gente não vai sair daqui."

Sônia também acusa o governador Cristovam Buarque. Na opinião dela, Cristovam deveria abrir o diálogo com os próprios moradores da Estrutural. "As propostas do governo são apresentadas para os representantes das associações de moradores e ficam por lá mesmo. O governador deveria ter coragem de vir falar diretamente com o povo. Muita gente que vive aqui está querendo ir embora, mas não têm para onde ir."

Ela conta que os filhos estão cada vez mais assustados com as opera-

ções dos policiais. No barraco em que vive há uma pequena televisão onde ela e a família assistem às novelas e jornais da noite, amontoados sobre dois sofás rasgados. A energia vem dos postes de luz improvisados que se espalham por toda a invasão. "Quero ver se a Marlene e o José Edmar vão pagar o prejuízo se eu tiver de sair daqui", desabafa a diarista. Revoltada, ela resume a situação: "É um sofrimento doido. Se eu pudesse, sairia daqui."

PIONEIROS

A invasão da Estrutural começou na década de 60, quando as primeiras famílias começaram a chegar na área atualmente ocupada pela Invasão da Estrutural. Os pioneiros de-

ram origem à Invasão do Lixão. Com o passar do tempo, outras famílias se estabeleceram na mesma área. Em 1991, parlamentares apresentaram projeto de lei na Câmara Legislativa que criava a Cidade Estrutural.

Com a possibilidade do surgimento de uma cidade, outros invasores começaram a montar seus barracos. No ano seguinte, criaram a primeira associação para lutar pela permanência na área. No final do governo de Joaquim Roriz, a invasão tinha cerca de 500 barracos. No início do seu governo, Cristovam anunciou que acabaria com a invasão, mas os barracos aumentaram, até que o governo começou a agir, há dois meses.